

**A TRADUÇÃO LITERÁRIA DO DISCURSO ESOTÉRICO EM  
“EROS E PSIQUE”, DE FERNANDO PESSOA**

**THE LITERARY TRANSLATION OF THE ESOTERIC DISCOURSE IN  
“EROS AND PSYCHE” BY FERNANDO PESSOA**

**Fernando de Moraes Gebra**

Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Professor de Literatura do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

fernandogebra@yahoo.fr

**RESUMO**

O presente artigo, produto de alguns estudos sobre tradução literária complementares à Dissertação de Mestrado intitulada *O ritual esotérico no Cancioneiro Fernando Pessoa*, aborda o processo de leitura do poema “Eros e Psique” de Fernando Pessoa-ele mesmo. Tal poema revela, na sua estrutura superficial, diversas figuras representativas de um sujeito desdobrado e de um espaço a ser percorrido como um ritual de iniciação, fundamentado na própria epígrafe do poema. Neste artigo, procuraremos verificar as possibilidades de leitura do poema em duas línguas neolatinas: o português, em que o texto foi escrito, e o francês, onde se deu a reescrita do texto, a sua tradução, não apenas lingüística mas também cultural.

**Palavras - chave:** Tradução. Tradução Literária. Fernando Pessoa.

**ABSTRACT**

The present article, result of some studies in literary translation, which complement the Master Degree essay called *O ritual esotérico no Cancioneiro de Fernando Pessoa*, focuses on the reading process in the poem “Eros e Psique”, by Fernando Pessoa himself. Such poem shows, in its superficial structure, many figures that represent a double individual and a double place to be gone through as an initiation ritual, established in the poem epigraph. In this article, we will verify the reading possibilities in two languages: Portuguese, in which the text was written, and French, where there was the rewriting, in other words, its translation, not only linguistic but also cultural.

**Key words:** Translation. Literary Translation. Fernando Pessoa.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Iniciado por uma epígrafe, o poema “Eros e Psique” de Fernando Pessoa (1888-1935), apresenta um discurso esotérico, a busca da verdade de si mesmo. Tal interpretação nos é garantida pela própria epígrafe, que já delimita no poema as possibilidades de leitura. Tal poema foi traduzido para o francês por Michel Chandeigne e Patrick Quillier, com colaboração de Maria Antónia Câmara Manuel e Françoise Laye, e com participação de Fernando Antunes.

Em cada um dos textos (em português e em francês), as possibilidades interpretativas ganham novos sentidos, e o processo de tradução de um texto poético acaba por mostrar os limites da própria tradução literária. Entendemos tradução como sugere o filósofo francês Jacques Derrida: “uma transformação: uma transformação de uma língua em outra, de um texto em outro” (ARROJO, 1986:42). No entender de Rosemary Arrojo, surge deste conceito um problema, o problema da fidelidade que no entender da autora, bem como no nosso, a tradução literária fiel deve ser fiel ao contexto estabelecido para a sua interpretação.

Assim, ao tomarmos o poema de Pessoa como passível de traduções, devemos observar o discurso esotérico contido no mesmo, discurso este já anunciado pela própria epígrafe do texto, e diluído na estrutura superficial do texto através das figuras simbólicas do processo ritualístico. Como o processo de tradução deve ser entendido não só apenas como a tradução de línguas, mas também de culturas, devemos observar a historicidade do poema circunscrito num universo de um ritual esotérico, em que o indivíduo passa por vários graus de aprendizado até chegar ao conhecimento de si mesmo, metaforizado no poema pelo encontro dos dois lados do ser, o exterior (Infante) que busca a Princesa (interior).

Segundo os tradutores dos poemas esotéricos de Fernando Pessoa

Le monde est un énigme dont le sens est d'être un énigme, qui ne peut donc pas être déchiffrée par les lumières de la raison, comme dans la science, ni même par une intuition divinatoire comme dans le mysticisme, ou par un pouvoir surnaturel comme dans la magie, mais seulement révélée à l'intelligence par l'initiation. (BRÉCHON & COELHO, 1988:17).

Os tradutores demonstram, nas suas considerações, o caráter da iniciação, na qual os conhecimentos ocultos são transmitidos aos sujeitos através de símbolos herméticos, de difícil acesso à racionalidade, mas que chegam à nossa inteligência analógica durante a iniciação. Assim, consideramos “Eros e Psique” como parte do ciclo iniciático ou esotérico de Fernando Pessoa. Veremos, em seguida, como o aspecto da iniciação é enfatizado no

discurso de Pessoa e dos tradutores franceses, numa tentativa de analisar o processo de tradução literária de poemas considerados herméticos.

## 2 E PSIQUE / ÉROS ET PSYCHÉ

Eros Conta a lenda que dormia  
Uma princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado.  
Ele dela é ignorado.  
Ela para ele é ninguém

Mas cada um cumpre o Destino  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E, vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

La légende raconte que dormait,  
Frappée d'enchantement, une Princesse  
Que seul viendrait à éveiller  
Un Infant, lequel surgirait  
De bien plus loin que le mur de la route.

Il devait, dans la tentation,  
Vaincre le bien comme le mal,  
Avant de pouvoir, vraiment libéré,  
Laisser de côté le chemin d'erreur  
Pour le chemin qui mène à la Princesse.

Or si la Princesse Endormie,  
Attend, c'est en dormant.  
C'est dans la mort qu'elle rêve sa vie,  
Et son front d'oubli est orné  
Par le vert d'un bandeau de lierre.

Au loin l'Infant, bien vaillamment,  
Sans savoir quel but il poursuit,  
Force la route ensorcelée, prédestinée.  
D'elle il est ignoré.  
Elle n'est personne pour lui.

Mais chacun d'eux accomplit le Destin –  
Elle, endormie dans son enchantement,  
Lui, dans la quête aveugle où il la cherche  
Grâce à l'acte divin  
Qui fait exister le chemin.

Alors, pour si obscur que soit  
Tout ce qui survient le long de la route,  
Déjouant tous les leurre, il s'approche, infaillible,  
Pour parvenir, vainqueur de la route  
Et du mur, au sommeil où elle demeure.

Puis, encore grisé de ce qu'il y avait eu,  
Comme monte l'effluve exhalé du jusant  
Il élève sa main au visage, et rencontre  
Le lierre, et comprend qu'il était  
Lui-même la Princesse qui dormait.

Após a leitura atenta dos dois poemas, pudemos perceber alguns pontos que os diferenciam. A tradução da epígrafe dispensa comentários, uma vez que é um texto em prosa e, no presente artigo, abordaremos a questão da tradução dos textos poéticos. No entanto, cumpre dizer desde já que os tradutores franceses privilegiaram o plano de conteúdo do poema. Isto não quer dizer que o plano de expressão tenha sido ignorado.

Enquanto tradutores ou estudiosos de tradução, vivemos um dilema: priorizamos o plano de expressão ou o plano de conteúdo? Visto que é praticamente impossível chegar a uma tradução perfeita, devemos considerar um dos dois planos, evitando ao máximo ignorar completamente o outro. Em “Éros et Psyché”, os tradutores, apesar de considerarem o plano de conteúdo, prestaram atenção ao plano de expressão, mas tiveram de abolir recursos como métrica e rima, presentes no poema de Pessoa.

Acreditamos que a prioridade dada ao plano de conteúdo tenha ocorrido por ser “Eros e Psique” um poema cheio de conteúdos simbólicos de um discurso esotérico. A seguir, analisaremos estrofe por estrofe, no tocante ao processo de tradução empreendido pelos franceses.

Na primeira estrofe do poema traduzido, começamos a perceber um número maior de sílabas do que as sete presentes em cada verso de Pessoa, devido à necessidade que o tradutor encontrou de utilizar frases analíticas para explicar melhor o contexto iniciático, evitando, assim, a ambigüidade que poderia ter ocorrido na transposição do texto 1 para o texto 2. O verso que melhor ilustra o que acabamos de dizer é “De bien plus loin que le mur de la route”, tradução de “De além do muro da estrada”. No poema em francês, há a acentuação da distância do caminho a ser percorrido pelo Infante. Se o poema está sendo entendido por nós como um poema iniciático, percorrer caminho pode ser lido metaforicamente como a busca do auto-conhecimento.

Na segunda estrofe, ao dizer “Avant de pouvoir, vraiment libéré”, os tradutores enfatizam o conteúdo da epígrafe, ou seja, a presença da verdade, da essência buscada pelo Infante. Em “Antes que já libertado”, a presença do advérbio “já” não garante a mesma interpretação que “vraiment” causou no poema traduzido. Ainda nesta estrofe, encontramos a presença de dois caminhos nos versos “Laisser de côté le chemin d’erreur/ Pour le chemin qui mène à la Princesse”. No poema de Pessoa, a palavra “caminho” aparece apenas uma vez, o que vemos em “Deixasse o caminho errado / Por o que à Princesa vem”. No poema traduzido, vemos, de um lado o caminho errado e de outro, o caminho que leva o Infante à Princesa, ou seja, temos aqui a dualidade exterior versus interior, manifestada mais explicitamente na própria estrutura sintático-semântica do poema traduzido.

A palavra “caminho”, no decorrer do poema em francês, é permutada algumas vezes com “estrada”. Vemos as duas palavras como um par sinonímico no texto de Pessoa, por isso, os tradutores não se importaram em permutá-las algumas vezes ao longo do texto em francês. Encontramos uma razão lógica para a permuta na quinta estrofe, nos versos “Grâce à l’acte divin / Qui fait exister le chemin” Não foi apenas por uma questão de rima que os tradutores permutaram “estrada” por “caminho”, mas sim por uma questão de associação. Se é pelo processo divino que a estrada ou o caminho existe, a rima “divin/chemin” foi utilizada de maneira adequada pelos tradutores, enfatizando, assim, que a necessidade do auto-conhecimento do sujeito é sacralizada por um ato divino.

Na terceira estrofe, pelo menos dois aspectos são enfatizados. Ao utilizar a forma “c’est” em “Attend, c’est en dormant./ C’est dans la mort qu’elle rêve sa vie,”, os tradutores possibilitaram a ênfase na espera da Princesa de forma contemplativa, figurativizada pelo sono, e a explicação de que é na morte, ou seja, no encerramento de um ciclo, que a Princesa desperta para a vida, para a transcendência. Nos versos de Pessoa, encontramos “Se espera, dormindo espera/ Sonha em morte a sua vida”, sem ênfases ou explicações, já que o produtor do discurso não pretendia, como fizeram os tradutores, deixar mais explícito o processo iniciático.

Outra ênfase presente na mesma estrofe na tradução ocorre nos versos “Et son front d’oubli est orné / Par le vert d’un bandeau de lierre”, correspondente aos versos “E orna-lhe a frente esquecida / Verde, uma grinalda de hera”. Pelo uso a voz passiva no lugar da ativa do poema de Pessoa, os tradutores acabaram por enfatizar o agente da passiva, a hera, a planta trepadeira que orna e distingue a Princesa, constituindo em um traço sêmico da mesma. No poema de Pessoa, a ênfase é dada no objeto direto “a frente esquecida”, com a situação de esquecimento representando a distância entre o exterior e o interior do ser, interior que se encontra esquecido.

Na quarta estrofe, encontramos dois aspectos de âmbito lexical que acaba ou por enfatizar ou por criar novos sentidos ao poema de Pessoa. O primeiro aspecto refere-se ao verso “Au loin l’Infant, bien vaillamment,”, correspondente ao verso pessoano “Longe o Infante, esforçado”. No verso traduzido, é enfatizado o heroísmo do Infante (“bien vaillamment”), diferente do que ocorre em Pessoa, em que é enfatizado o esforço. Como o poema de Pessoa dialoga, de certa forma, com o universo dos mitos e dos contos de fada, onde o Príncipe tinha que salvar a Princesa, acreditamos que os tradutores se influenciaram por esta relação interdiscursiva do discurso poético com o discurso dos contos de fada. Esforço não é sinônimo de coragem e o caminho percorrido pelo Infante, na nossa opinião, está muito mais relacionado a um ato de esforço e reflexão do que um ato puramente de coragem.

Outro aspecto que causa estranheza na tradução ocorre no verso “Force la route ensorcelée, prédestinée.”, correspondente ao verso pessoano “Rompe o caminho fadado”. Acreditamos que a palavra “fadado” pode ter causado dificuldade aos tradutores franceses, uma vez que é uma palavra estritamente lusitana, vem de fado, que quer dizer destino. No verso traduzido, os tradutores utilizaram as palavras “ensorcelée” que quer dizer “enfeitiçada” e “prédestinée” que significa “predestinada”. O caminho alquímico, por meio do qual o sujeito pode transmutar sua personalidade, não tem nada de feitiçaria. Os feitiços provém do caminho mágico, que foi negado em vida e em obra pelo poeta. Já a visão providencialista das coisas, encontra-se presente em parte da obra de Pessoa, por isso “prédestinée” se encaixa bem na tradução do “caminho fadado”. Trata-se de um caminho fadado, por ser predestinado e não por ser enfeitiçado. Acreditamos que o aspecto da feitiçaria foi colocado na tradução pelo fato de o discurso do poema dialogar com os contos de fada. Dialoga apenas em parte, por apresentar um sujeito que busca e outro que espera, mas rompe com o universo dos contos, pela alquimia entre Infante e Princesa que se descobrem um só, num processo de auto-conhecimento, em que o exterior encontra o interior do ser.

A pontuação nos versos finais da quarta estrofe e no verso inicial da quinta parece atender aos propósitos de Pessoa. Em “Éros et Psyché”, os dois últimos versos estão separados por um ponto final, o que vemos em “D’elle il est ignoré. / Elle n’est personne pour lui.” O mesmo ocorre no poema de Pessoa em “Ele dela é ignorado. / Ela para ele é ninguém”. Os tradutores mantiveram o efeito de sentido causado pela separação dos versos no poema de Pessoa, ao manterem a pontuação do original, pois os versos mostram, tanto na sua expressão, como no seu conteúdo, a aparente dissociabilidade entre o Infante e a Princesa, o que difere da última estrofe que contém apenas um período, revelando que “...il était / Lui-même la Princesse qui dormait.”.

Com relação à pontuação, na quinta estrofe, o travessão é mantido após a palavra “Destin”, da mesma forma que ocorre no poema de Pessoa. A manutenção do travessão foi importante, uma vez que este recurso serviu para destacar a importância do “Destino” no processo de auto-conhecimento do sujeito desdobrado, que realiza duas ações: a da vida contemplativa e a da vida ativa. Tal efeito de sentido foi mantido na tradução dos versos “Ela dormindo encantada, /Êle buscando-a sem tino” para os versos “Elle, endormie dans son enchantement, /Lui, dans la quête aveugle où il la cherche”. O aspecto diferencial deste trecho é que, no poema traduzido, a situação de encantamento é enfatizada por meio do substantivo “enchantement” no lugar do adjetivo “encantada” do poema de Pessoa. Além disso, no poema traduzido a busca cega, sem direção (“quête aveugle”) é enfatizada.

Na sexta estrofe, as explicações abundam no poema traduzido, principalmente no verso “*Déjouant tous les leurres, il s’approche, infaillible,*” cuja tradução literal seria “Livrando-se de todos os artifícios, ele aproxima, infalível”. “Infaillible” está no lugar de “seguro” do poema de Pessoa. Mais uma vez, os tradutores franceses dialogaram com o discurso dos contos de fada, ao enfatizarem o caráter heróico do Infante.

Outro modo encontrado pelos tradutores franceses para enfatizar o heroísmo do Infante foi colocar entre vírgulas a expressão “... vainqueur de la route / Et du mur...”, diferente do que ocorre no poema de Pessoa em que encontramos “E, vencendo estrada e muro / Chega onde em sono ela mora”. No poema de Pessoa, enfatiza-se o encontro das verdades escondidas no sono da Princesa. Este aspecto fica pouco evidente na tradução, uma vez que a idéia do encontro parece ser menos relevante no texto traduzido, o que vemos pela quebra desta idéia nos versos “Pour parvenir, vainqueur de la route / Et du mur, au sommeil où elle demeure”.

No verso “*Déjouant tous les leurres, il s’approche, infaillible,*” outro aspecto pode ser analisado. O que era mais implícito no poema de Pessoa passa a ser explícito no poema traduzido, já que a palavra “leurres”, cuja tradução é “artifícios” remete ao mundo exterior, cheio de obstáculos. Enquanto no poema de Pessoa, os obstáculos estavam metaforizados por “estrada” e “muro”, os tradutores explicitam a idéia de falsidade desse mundo exterior, por meio da palavra “artifícios”.

Na sétima estrofe, algo um tanto estranho acontece. No poema de Pessoa, encontramos “*À cabeça, em maresia*”, enquanto no poema traduzido, o correspondente para este verso seria “*Comme monte l’effluve exhalé du jusant*”, cuja tradução seria “Como sobe o eflúvio exalado da jusante”. No poema de Pessoa, o Infante apresenta-se com a cabeça em maresia, devido à distância percorrida no caminho de si mesmo e à chegada ao portal da revelação. Os tradutores tentaram enfatizar este aspecto recorrendo à figura da jusante, que seria traduzido como “maré”, representando assim o elemento água, símbolo da purificação nos rituais esotéricos. Assim, acabaram por explicitar a ritualística apenas sugerida por “*À cabeça, em maresia*”.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como vimos, ao longo da comparação entre os dois textos apresentados, em alguns aspectos o texto dos franceses mantiveram o conteúdo do original. Não estamos falando aqui

de fidelidade ao texto de Pessoa, já que a tradução é uma atividade recriadora de significados e o trabalho do tradutor pode ser comparável ao trabalho do escritor. O que fica evidente da análise dos dois poemas é relação dialética entre os aspectos explícitos e implícitos do ritual que leva o sujeito desdobrado ao alcance de suas verdades, na alquímica conjunção entre o exterior e o interior do ser.

O poema de Pessoa deixa sugerido o aspecto ritualístico, metaforizado por um caminho de tentações do mundo material cujo percurso levaria o sujeito ao encontro das verdades eternas. Já o poema em francês, além de explicitar o ritual esotérico ao recorrer a simbologias que explicitem tal processo, utiliza-se de um discurso do universo francês dos contos de fada de Charles Perrault, em que é enfatizado o heroísmo do sujeito. Seria questão de heroísmo o desvendar dos meandros do nosso lado mais recôndito? Acreditamos que sim, de certa forma. Seria um ato de heroísmo porque o iniciado na senda esotérica tem que passar por provas cruciais da mesma forma que o herói dos contos de fada franceses. Mas, por outro lado, as provas são muito mais no campo da vida contemplativa do que da vida ativa, tão enfatizada no texto traduzido.

De qualquer forma, o que fica esboçado após a presente discussão sobre tradução, é o fato de o processo de tradução literária não se restringir a regras precisas. Trata-se de um trabalho de reflexão, antes de tudo. E considerando o discurso esotérico, podemos dizer que, como os princípios ocultistas, a leitura de um texto poético, por ser ele plurissignificativo, faz com que o leitor/tradutor se depare com várias verdades dentro do mesmo. Verdades estas, que ainda que (aparentemente) opostas, são a mesma Verdade.

## REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

BRÉCHON, Robert & COELHO, Eduardo Prado. *Poèmes ésotériques, Message, Le marin*. In: \_\_\_\_\_ Oeuvres de Fernando Pessoa. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1988. V.2.

GEBRA, Fernando de Moraes. *O ritual esotérico no Cancioneiro de Fernando Pessoa*. Londrina: UEL, 2003. (Dissertação de Mestrado).

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 10a imp. da 3a ed. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1999. p.181.